

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## NA ARTE POPULAR DOS EX-VOTOS. OS "MILAGRES".

CHAVES, Luís

Ano: 1970 | Número: 80

---

### Como citar este documento:

CHAVES, Luís, Na arte popular dos ex-votos. Os "Milagres". *Revista de Guimarães*, 80 (1-2) Jan.-Jun. 1970, p. 73-98.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Na arte popular dos ex-votos — Os «milagres»

Por LUÍS CHAVES

- 
- *Quem com Deus anda, com Deus acaba.*
  - *De hora em hora, Deus melhora.*
  - *Quem bem ora, por si ora.*
  - *Muda-se o tempo, muda-se o pensamento.*
  - *Rogar ao Santo até passar o barranco.*

António Delicado, *Adágios Portugueses*,  
(séc. XVII). (1)

— Se «O homem põe e Deus dispõe», como exprime filosoficamente um adágio corrente, o «*ex-voto*» representa as duas fases ou dois tempos de certo acontecimento: — a *aflição* de quem se encontra na iminência de perdição e faz *voto*, ou seja, promessa ao Céu em troca de salvamento; — e, livre do perigo, o cumprimento do *ex-voto*, por meio de memória visual do acontecimento feliz.

Qualquer dicionário explica o vocábulo: O «Dicionário complementar da Língua Portuguesa», de Augusto Moreno, o vem provar, assim: — «*Ex-voto* — Quadro ou imagem que se oferece e expõe em igreja ou capela em comemoração de um voto cumprido». Corresponde, nas relações pessoais, a uma carta ou um cartão de agradecimento por intervenção favorável, coroada de êxito.

---

(1) António Delicado, *Adágios Portugueses*, nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves, Livraria Universal, Lisboa, 1924.

A designação popular do ex-voto é a de «*Milagre*». Desde que o facto comemorado é tido por intervenção celeste, pedida com fé ou de recurso momentâneo da pessoa aflita, houve «milagre». O dicionário mencionado ensina: «*Milagre* — Facto devido a *causa sobrenatural: prodígio; successo extraordinário; portentoso; maravilha*».

A significação etnográfica é tomada, porém, por extensão e também redução. É «milagre» tudo que represente favor divino em realização implorada pelo interessado e revelada publicamente por qualquer «lembrança» figurada. É, virtualmente «*milagre*» o quadro, que o *represente* pelos miraculados e pelo ambiente ou perspectiva natural em que teve lugar o acontecimento visado.

Ainda não é tudo. O memorial está incompleto. Carta, cartão de agradecimento, certidão individual ou colectiva, têm de ser pessoais, localizáveis, com descrição e data do motivo de gratidão expressa. Ou, na falta de tal prova, tudo ficava sem nexo e precisão. Por isso, o quadro do «milagre», entregue, e colocado no templo de seu destino único, terá e tem, sob a figuração do «milagre» ou narrativa pictórica, a «certidão» caligráfica, probatória da veracidade expressa nas imagens, com a *data e o nome ou os nomes dos figurantes*. Só assim fica o facto confessado e firmado.

Carta ou mensagem há-de ter destinatário nomeado. Pois também o «milagre», pedido e recebido, tem de apresentar no cenário a presença do protector celeste, a quem é dirigido o agradecimento. E não somente *pela imagem, porque também na declaração histórica*, para ser completa e perfeita, há-de ficar averbado o nome das personagens participantes. Aqui, nos «milagres», são exarados os *nomes dos socorridos e da invocação reclamada*.

Havendo tais perigos em casa e no exterior, terra ou mar, havíamos de encontrar «milagres» domésticos ou do interior, «milagres» terrestres e «milagres» marítimos.

Em templos da zona litoral, porque mais perigos e tragédias houve sempre no mar, foram numerosos, mais numerosos, os «milagres» de escapos de perigos e naufrágios, tanto no sentido geral de memória como de quadro figurativo ou ilustração especial. Não significa, no entanto, que estes «milagres» fossem apenas

referidos e destinados a templos da região litoral. Muitos dos homens do mar como viajantes e embarcações eram originários do interior. Estes apelavam, por força de saudade, para os patrocínios familiares.

Dois elucidativos e aplicáveis adágios, também colhidos na colecção de António Delicado guiam-nos: — «*Aquém ou além, veja eu sempre com quem*»; — «*Quem mais vive, mais vê*» (...ou «*mais sabe*»).

Quando chega o momento preciso, surge a tragédia e, com esta, a aflicção dos atingidos. As almas em transe apelam para os seus patronos celestes ou invocam os que lhes chegam à memória de longe ou de perto. Luta, sacrifício, danos, e depois a perdição ou a salvação rogada tão dolorosamente...

Correspondem a verdadeiras *crónicas de acontecimentos*, tanto pessoais como públicos, e têm favor de maior sugestão que outra qualquer forma de *ex-voto*, precisamente porque representa à vista o acontecimento memorado.

Interessa menos a *feição artística* do relato exposto. O valor intrínseco está neste. A figuração insinua-o, porque prende a curiosidade, aumenta o vigor sugestivo da «acta» do caso, e vale por *ilustração visual* em livro ou revista.

Como prova de documento artístico de expressão popular ou seja de «arte popular», o «milagre» merece especial atenção. Não é obra paciente, embora pensada e com sentido próprio, como a do trabalho de execução a ponta metálica sobre madeira ou chifre, a maioria das vezes composta de elementos heterogéneos, mais ou menos de intromissão pessoal. O «milagre», porque envolve e expõe factos objectivos e pessoas a eles ligadas, prende e subjugava o pintor ao retalo que lhe foi feito e, ele, segundo a sua capacidade em o figurar, figura como pode e sabe.

Em templos, — grandes ou pequenos, mas permanentes em fervor de devoção, houve número apreciável de «milagres» representativos e com valor de crónica particular. Uns mantêm-se nos lugares primitivos ou foram guardados em outros templos como relíquias e exemplo, como, que me lembre agora, acontece em Vila do Conde, numa capelinha fronteira à formosa igreja paroquial, quinhentista; está reservada a tesouro

de memórias em que avulta a representação marítima (2). Outros estão hoje em museus etnográficos, a formarem colecções mais ou menos importantes; visto que lembrei o exemplo de Vila do Conde, lembro, a propósito em paralelo o Museu da Póvoa de Varzim (3). Encontrámo-los, porém, em todos os museus, de Norte a Sul, do litoral para o interior, que tenham formado secções etnográficas onde é necessário que estejam presentes em feição e qualidades todas as manifestações da *alma popular* em tradição e continuidade (4).

Quantos se perderam, ora por danos de qualquer origem, ora por irem parar a mãos de particulares, que os prezam ou os vendem?

Porque, repitamos, os «milagres» representam circunstâncias dramáticas tanto dentro de casa, como ao ar livre em terra, e em pleno mar, divide-se a demonstração de cada «paisagem» nesta ordem seriada. A leitura de cada prova, datada ou não, evidenciará, por certo, a figuração respectiva, embora não possa corresponder a sugestiva e compreensiva essência.

Recordemos, a propósito destas insinuações longínquas, o passo vicentino do *Auto da Alma*, quando o «Anjo» credita o caminho à «Alma»:

— *Oh? Caminhai com cuidado,  
que a Virgem gloriosa  
vos espera* (5).

---

(2) *Catálogo dos «Milagres» do Museu Etnológico Português*, em *O Archeologo Português*, Lisboa, 1914, págs. 214 e ss.

(3) Mons. J. Augusto Ferreira, *Villa do Conde e seu Alfoz*, 1923; — Viriato Barbosa, *A Póvoa de Varzim*, Ensaio da História desta Vila, Porto, 1937; — A. Santos Graça, *O Poveiro*, Póvoa de Varzim, 1932, de notícia principal o cap. IX.

(4) Serviu-nos especialmente a colecção do Museu Etnológico Português, — depois Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcellos, — actual Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Sempre Ele!

(5) Gil Vicente, por ex.º em Gil Vicente e Luís de Camões, em *Textos Arcaicos*, do Prof. João de Almeida Lucas (Lisboa, 1950). — Como possível alusão ao cumprimento do voto, recordemos as derradeiras palavras de São Jerónimo, para nós, oportunamente: «...depois ao Padre Eterno | dada em oferta. | A propósito, seria a «promessa», o «ex-voto» ou «milagre» figurado.

Varie a inyocação teológica, e a prática do «Anjo» será a mesma a todas as almas em perigo de morte ...ou de vida.

Agrupemos metòdicamente os exemplares demonstrativos em conformidade com o meio ambiente em que os «milagres» operaram. E por isso foram interpretados.

Fiquem repartidos por três parcelas distintas:

- I — de *episódios no interior doméstico* (doenças e transes de morte).
- II — de *desastres e desaires ao ar livre, em terra*, ou seja entre a residência e o mar pleno.
- III — de *navrágios e outras tragédias de navegação* e marinhagem nas ondas do mar.

Observação: — os exemplares descritos aqui a seguir são todos pintados; uns deles móveis, essencialmente de «Arte Popular»; outros, ou sejam os de «milagres» marítimos, fixaram por azulejos nas paredes de templos, não de «Arte Popular» integral, mas de espiritualidade congénere.

As *tabulae votivae* do preito romano às divindades prolongaram-se por estes quadros representativos do episódio humano no seu ambiente externo, que significa o ambiente do «milagre». Se a maior parte dos exemplares de singela feitura, há-os de expressão magnífica, dentro da «Arte Popular», que também evidencia aptidões notáveis e de visão e representação. A modéstia dos outros corresponde-lhe na escala de valores.

Os primeiros foram pintados em madeira, principalmente, a óleo. Aparecem também de pintura concordante sobre lata (folha de Flandres); alguns destes têm parte neste ensaio. Houve-os também pintados ou aguarelados e desenhados em cartão, em papel branco, duro, colado em cartão ou em outro bocado de papel de reforço.

Estes últimos sofreram depressa as consequências da humidade do ambiente da exposição ou do lugar de guarda e armazenamento; apenas recordo alguns

a desfazerem-se e traçados, um dos quais verifiquei na curiosa igreja do Senhor da Pedra, em Óbidos (6).

Sempre lembram o ditado, que já António Delicado registou: — «*Quem bem ora, esse por si ora*».

## I — DE CASA:

*Por doenças graves.*

Números 1 a 10.

O cenário da figuração é sempre de domínio doméstico. O doente ocupa o seu lugar no leito, apenas este não está no caso da operação (n.º 5).

Observações: — Nesta secção, como nas restantes, há exemplares datados, a par de outros que o não estão. Também uns ficaram localizados e outros têm apenas indicação da procedência.

Manteve-se quanto possível e necessária a redacção da legenda em cada um. Frequentemente, a letra da legenda imita o tipo de imprensa, melhor ou pior copiado e mantido, tanto maiúsculo como minúsculo e misto.

### 1 — *Procedência?*

DATA: 1742

MILAGRE Ñ FEZ S. DOMINGOS A IOÃO MALAQUIAS  
ESTAN / DO PERIGOZAMENTE A MORER DE HUÃ  
MALINA E RECORENDO / AO D[it]º SANTO SE  
AXHOU LIVRE NO ANO DE 1742. //

Cama à esquerda onde se divisa difícilmente um homem deitado. Lençol rendado e colcha verde. Por cima, dossel vermelho com cortinas pendentes. À direita, no alto, aparece o *Santo invocado*: entre nuvens luminosas, auréola irradiante; a imagem veste o hábito dominicano, com a Cruz na mão.

(6) Cfr. exemplares n.ºs 15 (de *Resende*) e 20 (de V.ª Nova de Mil *Fontes?*). O exemplar de Óbidos, de que se faz menção, apontava um «milagre» recebido por apêlo àquele orago local, que já de si procedia tradicionalmente do encontro da imagem onde foi levantado o templo.

Pintura a óleo em chapa de madeira: 0,28 m de largo por 0,23<sup>2</sup> m de alto. Caixilho negro com filete dourado.

No *Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*: Lisboa (Belém — Mosteiro dos Jerónimos).

## 2 — *De São Julião de Cambra*

(Vouzela — Beira Alta)

DATA: 1745

MILAGRE q̂VE q̂ FES q̂ NOSA q̂ SENHORA q̂  
DO REMEDIO q̂ A MANOEL q̂ DUARTE q̂ DO LV  
GAR q̂ DA IGRA q̂ DECAMBRA q̂ QUE q̂ ESTANDO E  
M ARTIGOS q̂ DE MORTE q̂ A SRA q̂ FOI q̂ SERVIDA  
DAR q̂ SAVDE q̂ NO ANO q̂ 1.7.4.5. ANOS q̂

Cama de catre de torneados. Cabeceira alta; pés id.; colcha vermelha. O doente deitado. Ao lado, senta-se um homem. Século XVIII. À direita alta, a *Virgem com o Menino* ao colo, em fundo vermelho e radiação amarela.

*Em uma capela*: Apenas foi possível a leitura.

## 3 — *Procedência?*

DATA: 1753

MILAGRE Q̂ FEZ \*S\* DOMINGOS DO SACRAMENTO A JOZE PHA MARIA ESTANDO M.<sup>TO</sup> MAL DE / HÛA MALINA , JA DESCONFIADA DOS MEDICOS SECARMENTADA E HUNGI DA COM A VELA NA MÃO / REZANDOLHE OFICIO , DAGONIA E PEGANDO-SE COM M<sup>TA</sup> FÉ LOGO FICOU LIVER DE PIRGO EM AGOSTO DO ANNO DE 1573. //

À esquerda uma cama de dossel e cortinados vermelhos com franjas douradas; mulher estendida, virada à direita: a par da cabeceira, mulher sentada em cadeira de alto costado. Aos pés da cama, um homem de peruca, punhos de renda e capa curta, espera, de mãos apoiadas nos quadris. Do lado oposto está o sacerdote, de batina e capa.

No mesmo *Museu de Lisboa*.



4 — *De Albuquerque*

(Badajoz — Espanha)

Frente a OUGUELA (Alentejo)

DATA: 1804

MILAGRE QUE FES , N[ossa] . S[enhora] . DA FONTE,  
 S[an]<sup>TA</sup> ALEXANDRE , M[a]R[t]i<sup>Z</sup>. / MORADOR , NOAL-  
 BONQVERQVE , QVE ESTANDO M[ui]<sup>TO</sup> DOENTE , EM /  
 PERIGO DEVIDA , RECORRENDO , SVA M[mulh]<sup>ER</sup> AES-  
 TA S[enho]<sup>RA</sup> ALCANÇOV / FELIS SAVDE ; SEIA P[ar]<sup>A</sup>  
 LOVAR A MESMA , S[enhor]<sup>A</sup> ANO DE 1804. //

Quarto de chão vermelho enxadrezado. Catre de madeira com alçado de cabeceira, de torneados, ligados no alto por travessão correspondente. Um homem deitado. Diante dele, um grupo de mulher, quatro raparigas e mais três rapazes: — a família; a mãe reza de joelhos e mãos postas; as crianças, dispostas em linha, gesticulam. Vê-se à direita um pórtico de duas pilastras a sustentarem o arco, tudo guarnecido de folhagem; no interior, sobre pedestal rosetado, a imagem da Senhora invocada pela família, pousada num crescente rodeado de nuvens brancas; luminoso o interior do pórtico. Notem-se: a contracção das palavras e a pontuação.

Pintura a óleo sobre madeira, moldura estreita de alçado, colorida de azul furta-cores, claro e ferrete: 0,368 m de largura por 0,305 m de altura.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

5 — *De Vila do Conde*

(Douro Litoral)

DATA: 1849

TESTEMUNHO DE GRATIDÃO QUE DÁ — A JEZUS  
 MARIA E IOZE — RITA DA PIE[da]<sup>DE</sup> DE SOUZA ,  
 DESTA V[ui]<sup>A</sup> A QUAL ESTANDO INTEIRAMEN-  
 / TE CEGA , E SOGEITANDO-SE Á OPERAÇÃO DA CA-

TARATA „ POR INTERCESSÃO DA SAGRADA FAMÍLIA,  
RECUPEROU A SUA VISTA ; EM 1849. //

Cena da operação da catarata em sala doméstica; ao centro a operada entre dois cirurgiões: o da direita sentado estende a perna direita onde a mulher se senta; procede à operação; o médico da esquerda segura a cabeça da doente. À esquerda uma criada com bacia na mão e toalha de rendas. No canto superior direito, em medalhão de luz dourada e nuvens róseas, a Sagrada Família. Observe-se a fórmula nova da invocação.

Pintura a óleo em madeira, moldura alaranjada, lisa: 0,715 m de largura por 0,443 m de altura.

No mesmo *Museu de Lisboa*.

## 6 — *De São Cláudio*

(Guimarães — Minho)

DATA: 1755

MILAGURE Q' FES N. S<sup>A</sup> DO[s] REMEDIOS DESTA FRG<sup>A</sup> DE / S. CLAUDIO A ANTONIO DA SILVA DE OLIVR<sup>A</sup> ESTANDO DO / ENTE COM DORES NO CORAÇÃO Q' SE LHE ARRANCAVA E A / PEGANDOSE A D[it]<sup>A</sup> S<sup>A</sup> LOGO EM CÔNTEENENTE SAROU / COMO Q' NADA TIVERA . NO ANNO DE 1755. //

À direita, em dois terços do painel, está na cama o doente: cabeceira à direita, ele olha para a esquerda, onde a toda a altura surge a imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> dos Remédios com o Menino ao colo: está de pé, no meio de moldura luminosa; o Menino abre os braços. A cama é de modelo da época. Compõem o painel duas faixas horizontais; a inferior, com a legenda, ocupa quase meia altura. Século XVIII.

Pintura a óleo sobre madeira, com moldura larga e de relevo pomposo, o exemplar está bem conservado. 0,443 m de largura por 0,325 m de altura.

Pertence ao *Museu da «Sociedade Martins Sarmento»* (Guimarães).

7 — *De São Miguel de Vilarinho*  
(Santo Tirso — Douro Litoral)

DATA: 1774

MILAGRE Q̃ FES N. SNR.<sup>A</sup> MADRE DE DEOS A MANOEL  
FRAN<sub>[cis]</sub>.<sup>CO</sup> DOS S<sub>[an]</sub>.<sup>TOS</sup> / CARDOZO DA FREGUEZIA DE  
S.MIGUEL DE VILARINHO Q̃ ACHANDO-SE COM / GRAVE  
EMFERMIDADE E RECORRENDO AO PATROCÍNIO DA MESMA  
SN.<sup>RA</sup> LOGO FOI / RESTETUIDO A SUA ANTIGA SAUDE 2  
D<sub>[e]</sub> JAN<sub>[ei]</sub>R.<sup>O</sup> D<sub>[e]</sub> 1774 A<sub>[no]</sub>. //

A figuração deste painel milagroso é muito sugestiva, por ter nele maior presença o tríduo natalista. Em passante de metade do painel, sobressai à esquerda o grupo do Presépio: S. José, e a «Madre de Deus», ajoelhados no chão, com o Menino Jesus a esbracejar no bercito humilde e parecendo levantar os bracitos para o miraculado, prostrado este em oração muito à direita do grupo. Aureoladas, as três imagens de presépio, coroada de rainha a Mãe, com o simbólico bordão de açucenas em flor São José, vestem pompas setecentistas. O mesmo acontece com o peticionário, de casaca e calção. Cores vibrantes, principalmente a da capa da personagem central (na invocação e no painel).

Painel rectangular, bem conservado, pintado a óleo sobre madeira, emoldurado com relevo. 0,505 m de largura por 0,315 m de altura.

Pertence ao mencionado *Museu de Guimarães*.

8 — *De Virtelos*  
(Arouca? — Douro Litoral)

DATA: 1798

M. Q. F. S<sup>TA</sup> ANNA A / MANOEL R<sub>[odrigue]</sub>Z NEVES  
DA FR<sub>[e]</sub>G<sub>[uesi]</sub>.<sup>a</sup> DE VIRTELOS / T<sub>[e]</sub>R<sub>[m]</sub>.<sup>o</sup> (?) DAROUCA (?)  
ESTANDO P<sub>[ar]</sub>.<sup>a</sup> MORER ANNO DE / 1798 //

Painel rectangular, vertical, com remate de frontão triangular. Cama de torneados setecentista, cabeceira alta; o doente sobre a sua direita aparenta gravidade. À direita, quase a toda a altura, está de pé a imagem da

invocação, voltada para o doente. Pintura a óleo sobre madeira. A legenda, com caracteres maiúsculos de tipo de imprensa em primeira linha, e caligráfico pequeno depois até fim, está reduzida ao mínimo comum. Corresponde, todavia, à singeleza do painel. 0,360 m de altura, 0,335 m de largura, com o frontão terminal 0,075 de altura.

Pertence ao mencionado *Museu de Guimarães*.

## 9 — *De Caniçada*

(Vieira do Minho)

DATA: 1844

MILAGRE QUE FÊZ N. SENHORA DA GLORIA A MARIA JOANA DA FREGUEZIA D[e] CANIÇADA / QUE ESTANDO GRAVEMENTE EMFERMA SE APEGOU Á DITA SNR<sup>A</sup> E FICOU SAÕ SEM LEZÃO ALGUMA NO ANNO DE 1844. //

Painel modesto, mas sugestivo. No leito, à esquerda, está deitada sobre a sua direita a doente. Aos pés do leito, de espaldar, ajoelham de mãos erguidas e em série (esquerda-direita), duas mulheres e um homem, este em segundo lugar: os dois primeiros têm as mãos postas; a mulher da frente abre os braços como quem pede misericórdia no momento do perigo. À direita alta, vê-se a imagem da Virgem, cercada de novelos luminosos, e radiante de brilho; rodeiam-lhe os pés três cabeças de anjos, que espreitam a cena.

Pintura a óleo em madeira. A legenda tem por baixo uma grinalda aberta de folhagem decorativa, como a que se estende ao longo da moldura lisa. 0,350 m de largura por 0,300 de altura.

Exemplar bem conservado, pertencente ao *Museu de Guimarães*, já mencionado.

## 10—*Sem referenciação*

MILAGRE QUE FEZ NOSA S<sup>A</sup> DA LAPA / A ESTA DEVOTA SUA LIBRANDO A DE HUA DOENSA. //

Modesta pintura a óleo, à qual corresponde a legenda, curta e de caligrafia irregular como incerta. Apresenta

ajoelhada, à esquerda, a implorante, de mãos postas; à direita, de pé, de mãos espalmadas sobre o peito, a imagem com o hábito de monja, dentro de glória de rolos de nuvens, que lhe encobrem os pés. Não indica a origem do exemplar nem o nome de devota agradecida. Vale pela simplicidade e modéstia de valores exteriores. Moldura relevada. 0,260 m de largura por 0,180 m de altura.

Pertence ao mencionado *Museu de Guimarães*.

## II—DE TERRA:

AO AR LIVRE:

*Por desastres perigosos.*

Números 11 a 18.

Notem-se as observações do GRUPO I. Aqui, agora, como é de esperar, o cenário apresenta o cenário paisagístico de exterior.

### 11—*De Figueira da Foz*

(Tentúgal—Beira Litoral)

DATA: 1710

M[ilagre] . Ñ FES N[ossa] . SR<sup>a</sup> DO DESTERRO A ANNA DOMINGVES DO LU / GAR DA FIGVEIRA Ñ. HINDO P[ar]<sup>a</sup> TENTUGAL EM HUM CA / RRO DE PESCADAS SVSEDEV Ñ. A NOV / TE CAHIO DO CARRO ABAIXO DE FRONTE DA CAPEL / LA DA MESMA SENHORA EM PARTE AHONDE NÃO CABIA SENÃO O CARRO E VENDOSE EM TÃO / GRANDE AFLISÃO EMUOCOU ESTA SR<sup>a</sup> Ñ. / FOI SERVIDA LIURALA DE TÃO GR[an]<sup>de</sup> PERIGO AOS 30 DE 8<sup>bro</sup> 1710. //

À esquerda, vê-se a SAGRADA FAMÍLIA, com o seu burrinho de transporte de Mãe e Filho. À direita, está o carro de bois com as canastras do pescado; a junta de bois é guiada por um homem de casaca, e calção com meia, na cabeça o chapéu abado, modelo total do século XVIII. Na parte dianteira do carro vai sentada

uma mulher. Debaixo do carro, à frente das rodas, nota-se o busto da mulher, de face para cima, copiado visivelmente da mulher do alto; representação, pois, do desastre. O boieiro e a mulher em cima da carga erguem os braços em súplica para as imagens figuradas.

Pintura a óleo em madeira, moldura estreita e alçada, cor de castanha. 0,50 m de largura por 0,395 m de altura.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

## 12—*De Vila do Conde*

(Douro Litoral)

DATA: 1759

MILAGRE QUE FES ESTA DEUINA SENHORA / DA LAPA  
A MARIA BATISTA MOLHER DE A / GOSTINHO LOPES DE  
V[III].<sup>a</sup> DE CONDE Q̃. DANDOLHE HÛ / ASIDENTE NA  
RUA LOGO MILHOROU NO ANNO DE 1759. //

Retábulo dividido a meio por linha horizontal. Em cima, no lado esquerdo vêem-se dois homens, de trajes da época, estenderem as mãos para uma mulher caída de joelhos entre ambos. À direita vê-se a *Virgem implorada*: envolve-a nevoeiro luminoso e irradiante. Em baixo a legenda.

Pintura a óleo sobre madeira; larga moldura pintalgada. 0,413 m de largura por 0,320 m de altura.

No mesmo *Museu de Lisboa*.

## 13—*De Bencatel*

(Alto Alentejo)

DATA: 1805

MILAGRE . Q̃. FES. N. S.<sup>a</sup> DA FON / TE. S.<sup>ta</sup> A  
MAVRIÇIA. DA CRUS. / Q̃. ESTANDO , IVNTO DO  
PEGO / DE N. S.<sup>a</sup> COM . A SVA F[III].<sup>a</sup> ESTRVDES / SE  
METEO. HVM. BURRO / NO D[it]º. PEGO. E INDO .

P[arj]<sup>a</sup> O LIVRAR / CAHIO. HELA P[arj]<sup>a</sup> / DENTRO . E  
 NES / TA. AFILIÇÃO. BRADOV. POR N. S.<sup>a</sup> / Ñ A LIVROV  
 DE TAL PRIGO. SEIE P[arj]<sup>a</sup> A SER / VIR A MESMA S.  
 ANNO DE 1805. //

Retábulo bipartido: À esquerda está uma casa com arcada de quatro vãos, e por cima quatro janelas rectangulares em correspondência. No terreno fronteiro, abre ao meio dele um charco. Uma mulher caiu na água, outra senta-se à beira do charco: dois homens acodem à vítima, atirando-lhe um ramo que os dois rebocam. Perto da poça está um burro. Do fundo correm do primeiro arco duas mulheres aflitas. Do lado direito foi inscrita a legenda, sobre a qual pousa a imagem da invocação, dentro de um pórtico engrinaldado.

Note-se na legenda a *pontuação* constante; como outro da mesma procedência (BENCATEL) tem a constância da *virgulação*. Pintura a óleo sobre madeira, com moldura azul. Provém do mesmo templo da outra, datada de 1823, ou seja da invocação da Senhora da Fonte Santa. 0,37 m de largura por 0,27 m de altura.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

#### 14—*De Bencatel*

Alentejo (Memorial de *Oliveira*)

DATA: 1823

MILAGRE , Ñ. FES N. SR.<sup>a</sup>. DA FONTE , SANTA , A  
 IOZE JOAQ<sup>[ui]</sup><sup>m</sup> / MONTE DAS POZOAS , TERMO , DE  
 OLIVENÇA , Ñ. / TENDO , DOZE VACAS , PERDIDAS ,  
 N. S.<sup>a</sup> PERMETIO , Ñ. / LHE APARECERAM . ANNO . DE  
 1823. //

À esquerda, no alto, em alto porte, a imagem invocada, coroada, em auréola de ouro, cercada de novelos de nuvens. Em baixo, ajoelhados os agradecidos impetrantes, mulher e homem, oram de mãos postas, olhos postos na Senhora da Fonte Boa. À direita da composição, amontoam-se as vacas, escalonadas por dimensões.

Duas notas: a, virgulação constante do texto, e o traje espanhol das personagens. Ainda mais: origem em *Oliveira*; voto em *Bencatel*.

Pintura a óleo em madeira. A moldura azulada com pinceladas pretas. 0,35 m de largura, 0,277 m de altura.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

## 15—*Do Cavouco e Massas*

(Resende—Beira Alta)

DATA: 1878

M [ilagre] . Q̃. FEZ S<sup>TO</sup> ANTONIO A JOSE PREIRA , DO CAVOUCO , Q̃. VINDO AS VACAS E O CARRO POR O CAMINHO, / DE REPENTE FUJIRAM ÁS TRAZEIRAS, E CAIRAM DE UMA PAREDE ABAIXO ; E S<sup>TO</sup> ANTONIO LHE / VALLEU QUE NADA TEVE PERIGO , EM 1878. //

Pintura a óleo, dividida em duas partes sobrepostas, com a expressão das fases do sucesso. Em cima passa o carro de bois, cheio de espigas de milho, pela beira perigosa do caminho: à frente caminha o guia, que espicaça o boi da esquerda com a agulhada; atrás segue uma mulher. Um muro contém a estrada. Para lá corre a paisagem arborizada e florida. Em baixo despenharam-se os bois, que ficaram em posição trágica: o carro voltou-se e o milho derrama-se no solo, o homem ajuda os bois a desenvencilhar da confusão. No alto, Santo António com o Menino Jesus nos braços domina o cenário.

Pintura a óleo sobre chapa forte de lata, sem moldura, 0,71 m de largura e 0,55 m de altura.

Circunstância raríssima é a de aparecer a assinatura do pintor, bem patente nestes termos: «O PINTOR, Manuel Duarte, de massas». Entenda-se na última palavra que é alusão ao topónimo «Massas» ou «Maças», lugar de terras de Resende (Beira Alta).

Do mesmo *Museu de Lisboa*.



16—*De Cárquere*

(Resende—Beira Alta)

*Sem data*

M[ilagre] . Q. F[e]z . A SR.<sup>a</sup> DE CARQUERE A CUSTODIA DE IAIUS / DE VINHOS Q̃. ESTANDO EM PRIGO DE MORTE CHAMOUCÉ / A SR.<sup>a</sup> ELLA LHE DEU S[au]de. //

Um monte. Da esquerda, uma camponesa ajoelha, e de mãos postas implora auxílio celeste; veste de azul, com um lenço branco pelas costas como chaile. À direita surge a Virgem implorada; está de pé no cabeço do monte: manto azul sobre túnica vermelha, lenço branco posto na cabeça, de mãos postas. (IAIUS = JASUS).

Pintura a óleo sobre madeira, afeiçoada nos bordos a formar moldura reintrante. 0,29 m de largura por 0,18 m de alto.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

17—*De Cárquere**Sem data*

MILAGRE Q̃. FEZ A SNR.<sup>a</sup> DE CARQUERE A M[ari]a LEITOA / DO LUGAR DE PAREDES POR HUM SEU FILHO SOLD[ad].<sup>o</sup> JULGADO / MORTO EM ABRANTES.  
(uma palmeta a encerrar a linha) //

Campo azul forte; à direita a imagem da Senhora de Cárquere, que foi copiada de uma rainha de cartas de jogo; vestida com túnica vermelha, manto azul, coroa real, está de mãos postas, e faltam-lhe os pés; nuvens brancas envolvem-na até à cintura. Ao meio do quadro, está Maria Leitoa de joelhos e mãos postas, voltada para a imagem; à sua esquerda apruma-se o militar, de grande barretina e fardado pela ordenação militar da primeira metade do século XIX.

Pintura a óleo em pequena folha de madeira, sem moldura: 0,34 m de largura por 0,22 m.

No mesmo *Museu de Lisboa*.

18—*De Cárquere*

*Sem data*

M[ilagre] . Q̃. F[ez] . A SR<sup>A</sup> DE CAQUERE A CUSTODIA DE IASUS / DE VINHOS Q̃. ESTANDO EM PRIGO DE MORTO CHAMOUCÉ / A SR<sup>A</sup> ELLÃ LHE DEU S[aud].<sup>E</sup> //

Curiosidade: aparecer a figura de um soldado, por cuja sorte foi feito o voto. Um monte; à esquerda, a camponesa impetrante, ajoelhada, reza de mãos postas, vestida de azul, com um lenço branco pelas costas a imitar chaile. À direita, a imagem invocada está de pé no cabeço do monte: veste igualmente túnica vermelha, com o manto (lenço) branco posto a cobrir a cabeça, tem as mãos postas.

Pintura a óleo em tábuas afeiçoada de forma a imitar moldura reintrante: 0,29 m de largura e 0,18 m de altura.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

III — DE MAR:

*Em iminência de naufrágio.*

*Paisagem marítima*

Números 19 a 25.

Notem-se as observações do GRUPO I. Neste GRUPO III contêm-se «Milagres» pintados como nos anteriores. Aqui, porém, há exemplares do mesmo tipo (n.ºs 19 a 21), isto é pintados em quadros móveis; a mais destes notam-se representações coincidentes, representadas em azulejos parietais (n.ºs 22 a 24), e ainda capelas votivas (n.ºs 22 a 25, com a dedicação singela; e n.º 24 com figuração alusiva).

19—*De Porto da Guarda (?)*

DATA: 1760

M. QUE FEZ N. S.<sup>ra</sup> DA LAPA. A IOZE GOMES VIZA.  
E. / A MANOEL DA COSTA CRAV[ei]t<sup>o</sup>. OS QUAIS  
SAHINDO NOS SE / OS BATEIS COM A SVA GENTE . ES-  
TANDO O MAR E TEMPO BOM . SE / LVANTOV DE TAL  
SORTE O MAR E TEMPORAL . QUE OBRIGADOS / A DAR-  
LHES A POPA COMO FIZERÃO . ENTRANDO NO PORTO  
DA GVARDA MILAGROZAM[en]t<sup>e</sup> POR M[er]c<sup>e</sup> DA  
S[en]hoj<sup>a</sup> NO ANNO DE 1760. //

O Mar azul e manso, com as ondas representadas por leve rede de vírgulas brancas. Dois veleiros navegam de vela rectangular ao vento. A bordo, muita gente. Pela frente salientam dois rochedos na costa, onde dois homens pescam à vara. À direita alta, aparece a Virgem implorada, vestida de Rainha, sobre as nuvens, de mãos postas, voltada para os barcos, rodeiam a imagem três cabeças de Anjos, a que despontam as asas.

Pintura a óleo em madeira: 0,53 m de largo por 0,394 m de alto.

Nota de curiosidade: perguntar-se-á onde ficaria este PORTO DA GUARDA a que recolheram os batéis! Sem outra referência explícita, não pode haver alusão a povo de tal toponímia, mas, muito singelamente, ao «porto de guarda» ou «da guarda», posto litoral de pouso.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

20—*De Vila Nova de Mil Fontes?*

(Odemira — Baixo-Alentejo)

DATA: ?

MILAGRE QUE FÊZ O BEM AVENTURADO S. GONÇALO  
AO R[everen]t<sup>o</sup> JOSÉ JOAQUIM P[e]R[eir]a<sup>a</sup> NATU-  
RAL DE FONTES ; P[o]r<sup>t</sup> Q[uan]t<sup>o</sup> / EMBARCADO NO  
MAR , SE VIO EM PRIGO DE SE PERDER ; E APE-  
GANDO-SE COM O MESMO S[an]t<sup>o</sup> SE POZ EM SALVO  
DE Q. NÃO TINHA ESPERANÇA ALGÕA . //

A figuração representa o Mar junto da costa onde se vê um barco de três mastros com as velas enfunadas, a navegar para a esquerda. O mastro da proa como o da ré estão prestes a derrocar, já inclinados. À vante um homem roga o auxílio do Santo; segundo homem tenta evitar a queda ao mastro da ré; um terceiro ajoelhou. No canto superior esquerdo aparece a imagem de São Gonçalo, com o traje, hábito monacal da Ordem de São Domingos, de bordão em punho, cabeça aureolada, estendido o braço esquerdo a afastar as nuvens da tempestade. O horizonte limpa e ilumina. O Mar amansa.

Exemplar pintado a óleo numa lâmina de lata, com a largura de 0,355 m e altura de 0,269 m.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

## 21—*Procedência?*

DATA: ?

MILAGRE QUE FES N. SNR<sup>A</sup> DO ROZARIO A LUIS DA SILVA DEPOIS DE ANDAR QUATRO DIAS E QUATRO NOITES SEM GOVERNO E SEM / COMER NENHVM, NEM SABER AONDE ESTAUÃO , LHE VEIO UM TUFÃO: DEUENTO QUE LHE LUVOU O PANO TODO PELOS ARES ELHE MOREU / HUM HOME COM V SUSTO . CHAMARAM PELLA DITA SNR<sup>A</sup> E ELLA LHE FES TORNAR O BARCO PAPA TRAS JA COM BONANSA E OS TROSE PELLA / BARRA DENTRO A SALVAMENTO . //

Mar em tormenta; uma barca de dois mastros revolve-se nas ondas; as velas voam, a da ré dobrada com o mastro, partido pelo terço superior; a da proa despedaçada, com os farrapos, como bandeiras, no mastro inteiro. Prostrados, rezam cinco homens; um sexto implora na proa a salvação, a invocar a Senhora do Rosário.

Pintura a óleo sobre madeira; moldura vermelha com um filete dourado. 0,50 m de largo por 0,31 m de alto. Legenda, na faixa inferior, com quatro linhas de narrativa, com letras a imitarem caracteres de imprensa.

Do mesmo *Museu de Lisboa*.

22—*De Vila do Conde*

Na igreja matriz de Vila do Conde revêem-se os homens do mar e os que o não são na capela do *Corpo Santo*. Em *Azulejo parietal*, que guarnece de alto a baixo a capela, lê-se a seguinte inscrição votiva, que revela o voto colectivo dos homens do Mar. É assim que nos diz:

ESTA CAPELA DO CORPO SANTO MANDARÃO FAZER  
OS MAREANTES DESTA V<sup>a</sup> DO CONDE POR SVA  
DEVOÇÃO: NA HERA DE 1549

23—*De Vila do Conde*

Igreja Matriz

Capela do Corpo Santo

SÃO PERO GONÇALVES TELMO

DATA: 1622 e ?

PARTIO DESTA VILA DE VILA DE CON  
DE : PERA ANGOLA NO ANNO DE 1622.  
ESTA PROMESSA FES A NOSA SÑRA DE  
BOA . VIAGEM : TOME : PERES : MIELA .

24—*Id.*

N. S. DA BOA VIAGEM

FAZENDO-ME N. S<sup>a</sup> DA . BOA . VIAGEM . MERSE  
DE LEVAR E TRAZER A SALVAM<sup>TO</sup> A MEV FILHO  
IOÃO . PERES . VELHO . NESTA VIAGE. QUE VAI  
FAZER NA NAO I H S. PROMETO DE LHE  
MANDAR FAZER DAZULEJO . A SVA CAPELA.

— No primeiro painel: dois navios no mar; tempestade; o Santo invocado, no alto com uma vela na mão. No segundo: dois navios; a *Virgem com o Menino Jesus* nos braços.

25—*De Manbouce*

(Oliveira de Frades — Beira Alta)

DATA: 1893

Em MANHOUCE, curiosa aldeia da Serra da Gralheira, no concelho de Oliveira de Frades, Beira Alta, encontra-se uma capelinha, dedicada ao Senhor dos Afitos, que nos patenteia esta legenda tão singela

DEVOÇÃO / DOS / BRASILEIROS / 1893 .

Mais nada. Compreende-se a gratidão ou saudade que esses emigrantes da Gralheira manifestaram, ou lá de terras do Brasil, uns pelo menos como delegados dos mais, ou de regresso à pátria. Junto desse oratório assisti ao «botar das almas». No alto, em silêncio geral, com a paisagem extensa lá pelo fundo debaixo dos olhos, a cerimónia foi impressionante. Lembre-se a propósito, porque, mesmo sem invocações, estava nas almas a imensidade extraordinário do Mar tão longínquo dali, do alto da Gralheira.

Entre muitas quadras populares, que referem ou aludem a votos cumpridos, como se dá com esta relacionada com a Senhora do Sameiro (Braga):

— *O mar largo, o mar largo,  
Cheirava que rescendia:  
Era o manto da Senhora,  
Que um mareante trazia!*

Compreende-se: um mareante levou o «manto» à Senhora ao cumprir promessa ou voto de salvamento em hora amarga no Mar.

Faz lembrar outra quadra, que pode permitir a compreensão da erguida à Senhora do Sameiro:

— *Já me vejo no mar largo,  
Perdi a esperança à terra!  
Já não vejo senão auga,  
Mar e vento, que me leva?*

E, para reforço, ainda terceira feição convergente de terras de Vila Pouca de Aguiar, província de Trás-os-Montes:

— *A Senhora do Sameiro*  
*Tem um rosário comprido,*  
*Que lhe deu um marinheiro,*  
*Que andava no mar afrito.*

## ÍNDICES

### DOS EXEMPLARES DO «MILAGRES» E DOS SEUS COMPLEMENTOS :

1 — Por ordem cronológica indicada nos exemplares anotados:

— 1549 (n.º 22); — 1622 (n.º 23); — 1710 (n.º 11);  
 — 1742 (n.º 1); — 1745 (n.º 2); — 1753 (n.º 3);  
 — 1755 (n.º 6); — 1759 (n.º 11); — 1760 (n.º 20);  
 — 1774 (n.º 7); — 1798 (n.º 8); — 1804 (n.º 4);  
 — 1805 (n.º 13); — 1823 (n.º 14); — 1844 (n.º 9);  
 — 1849 (n.º 5); — 1878 (n.º 15); — 1893 (n.º 25).

2 — Sem data: — n.ºs 10, 16, 17, 18, 20 e 21.

3 — Com referências de origem, directas ou indirectas:

— Albuquerque — (Badajoz) — Bencatel (Alentejo) com invocação de Nossa Senhora da Fonte Santa a marcar a procedência (n.º 14).  
 — Bencatel (Alentejo) com a mesma invocação do antecedente e referido a Olivença (Espanha) (n.º 14).  
 — Caniçada (Vieira do Minho): (n.º 9).  
 — Cárquere (Beira Alta: lugares de Vinhos (n.ºs 16 e 18) e de Paredes (n.º 17). Nossa Senhora de Cárquere (Rezende).  
 — Figueira da Foz e Tentugal (Beira Litoral): (n.º 11).  
 — Fontes: Vila Nova de Mil Fontes? (n.º 20).  
 — Olivença (Espanha) — Bencatel: invocação de Nossa Senhora da Fonte Santa (ver Bencatel): (n.º 14).

- Manhouce (Oliveira de Frades): (n.º 25).
  - Porto da Guarda (ou de Guarda): onde? (n.º 19).
  - Rezende: Cavouco e Massas (Beira Alta): (n.º 15).
  - São Cláudio (Guimarães: Minho): (n.º 6).
  - São Julião de Cambra (Vouzela: Beira Alta): (n.º 2).
  - São Miguel de Vilarinho (Santo Tirso: Douro Litoral): (n.º 7).
  - Vila do Conde (Douro Litoral): (n.ºs 5, 12, 22, 23 e 24, este sem data.
  - Vila Nova de Mil Fontes, com a redução provável a «Fontes»: (n.º 20).
  - Virtelos (Arouca?: Douro Litoral): (n.º 8).
- 4 — Desprovidos de data: n.ºs 16, 17, 18, 20 e 24.  
Sem indicação de origem: n.ºs 1 e 3. Sem nenhuma destas informações: n.º 10 e 21.

BOTAR AS ALMAS...  
DEITAR DAS ALMAS...

*...Pelos que andam nas ondas do mar...*

*...Pelos que andam sobre as ondas do mar...*

De perto e de longe «deitam-se» ou «botam-se» deprecações públicas, a horas penitenciais, em favor das almas de defuntos ou em perigo de morte. Uma voz «deita» a intenção cristã: quem acompanha a deambulação bem demarcada na povoação, onde tal devoção se faz ou fez, escuta a voz e obedece em coro místico; quem não comparece mas escuta a via sacra, associa-se.

De longe ou de perto do Mar, não poderiam esquecer os que no momento dramático andassem nas ondas do Mar, em perigo persistente. Dê-mos agora por complemento dois exemplos de evocação integral, que bas-tem para o modelo de tradição.



Ouvida em *Bucos* (Cabeceiras de Basto: Minho)  
Brados:

I *Irmãos meus, filhos de Jesus Cristo,  
Rezemos Um Padre Nosso e uma Avé Maria  
Em louvor das Almas  
Que estão no fogo do Purgatório.  
Quem puder, será pelo divino amor de Deus.*

(Silêncio. Reza-se)

II *Irmãos meus, filhos de Jesus Cristo,  
Rezemos uma Salvé-Rainha.  
Quem puder, será pelo divino amor de Deus.*

(Silêncio. Reza-se)

III *Irmãos meus, filhos de Jesus Cristo,  
Rezemos um Padre-Nosso e uma Avé-Maria  
Pelos que andam nas ondas do mar.  
Quem puder, será pelo divino amor de Deus.*

Assisti ao «amento» do exemplar, na própria aldeia, em demonstração diurna, para prova da realidade. Para encenação, como se verifica pela personagem ilustrativa, lançou do alto de janela sobre um pátio amplo e livre, em manhã de sol encoberto e manhã fria de fins de Setembro. Cerimónia séria, voz de mística impressionante, silêncio perfeito.

Francisco Serrano colheu três encomendações em terras de Mação, nos extremos contactos da Estremadura Transtagana com o SO da Beira Baixa.

I — Em Mação:

*Rezemos um Padre Nosso  
Pelos almas do Purgatório.*

*Tornemos a rezar  
Pelos que andam sobre as águas do mar.*

II—Em Chão de Lopes (Amêndoa)

*Rezemos um Padre Nosso  
E uma Avé-Maria  
Em louvor do Senhor da Agonia.*

III—Em Cardigos

*Rezemos um Padre-Nosso  
Pelas almas do Purgatório.*

Observemos que lembram o Senhor da Agonia, os homens que trabalham ou viajam no Mar, e as Almas do Purgatório. O cenário cerimonial é o mesmo: grupo de raparigas com boa voz entoam de um lugar alto a «amenta» morosa e dorida (7).

Em *Tradições religiosas em Montalvão e em Póvoa e Meadas, no extremo-norte alentejano*, já o colector, directo, que foi José Pedro Martins Barata, apresenta o exemplar mais longo da «Encomendação das Almas». O sentimento de fervor e saudade por pecadores e defuntos manifesta a mesma expressão de sempre. Transcrevam-se tão somente as requêstras pela gente do Mar. Contém duas «estrofes» paralelas, que não principiam nem findam a sequência.

.....  
*Também pelos que andam  
sobre as águas do Mar  
rezemos um Padre-Nosso,  
para que Nosso Senhor as chegue  
a portio de as salvar.*

Seja pelo Amor de Deus,  
pelo Amor de Deus seja.

---

(7) Francisco Serrano, *Romances e Canções Populares da Minha Terra*, Braga, 1921, págs. 102-104.

*Também pelos que andam  
dentro do Mar em tormentos  
rezemos um Padre-Nosso,  
para que Nosso Senhor os chegue  
a porto de salvamento.*

Seja pelo amor de Deus,  
pelo Amor de Deus seja.

..... (8)

Depois deste manifesto exemplar e directo, note-se a redução ao mínimo, todavia abrangendo a totalidade na prece invocativa:

*Lembraí-vos, irmãos,  
das Almas do Purgatório  
com um Padre-Nosso e Avé-Maria  
por caridade.*

Escutei-a nas alturas da pitoresca povoação de Alte, no concelho de Loulé (Algarve) (9).

Estudo profundo com demonstrações numerosas e concordantes na espiritualidade, não obstante a diferenciação formal, empreenderam-no Margot Dias e Jorge Dias, sob o título de *Encomendação das Almas* (10).

---

(8) Separata (Lisboa, 1970) do vol. VI da revista *Ethnos*, órgão oficial do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1969: — sob o título de «*A Encomendação das Almas*», com a pauta musical e o canto imprecatório, págs. 43 e segs., na separata.

(9) A feição de Bucos e a de Alte foram ouvidas por mim na romagem circulatória do Concurso da Aldeia Mais Portuguesa de Portugal, promovida pelo Secretariado da Propaganda Nacional, em 1938.

(10) Margot Dias e Jorge Dias, *A Encomendação das Almas*, Lisboa, 1953.



N.º 6 — Exemplar da freguesia de S. Cláudio, do Concelho de Guimarães. Pertence ao Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).



N.º 7 — Procedente de São Miguel de Vilarinho, que foi do Concelho de Guimarães e hoje é freguesia do Concelho de Santo Tirso. Museu da Soc. M. S.



N.º 11 — «Milagre» de Tentúgal — Figueira da Foz. Pertence ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa.



N.º 14 — «Milagre» do «Termo de Olivença», procedente de Bencatel (Alemejo). Do Museu de Arq.<sup>ª</sup> e Etnologia, de Lisboa.



N.º 19 — Exemplar de Porto da Guarda (?), no Museu Nacional de Arq.<sup>a</sup> e Etnologia, de Lisboa.